

Ivo Alexandre: um artista no decurso do tempo na arte contemporânea¹

Ivo Alexandre: an artist over time in contemporary art

Ivo Alexandre: un artista a través del tiempo en el arte contemporáneo

Jociele Lampert²

Pedro Henrique Villi Cavallari³

Fabio Luis Savicki Henschel⁴

1 Entrevista realizada por ocasião de Cooperação internacional via Edital CNPq n° 26/2021, coordenada pela Professora Titular Dra. Jociele Lampert (UDESC). Mais informações sobre o programa Apotheke em Rede: <https://www.apothekeestudiodepintura.com/apotheke-em-rede>.

2 Professora Titular na Universidade do Estado de Santa Catarina. Professora Investigadora Visitante na FBAUL/CIEBA/ULISBOA. Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP (2009). Atua no Mestrado e Doutorado em Artes Visuais PPGAV/UDESC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/714990293123122> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0963-0925> E-mail: jocielelampert@uol.com.br.

3 Bolsista de Doutorado Sanduíche no Exterior (CNPq) na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Investigador visitante no CIEBA/FBAUL/ULISBOA. Com doutorado em Artes Visuais em andamento na Universidade do Estado de Santa Catarina, é mestre em Artes Visuais pela mesma instituição. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9199191395094333> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0726-9091> E-mail: ph.cavallari@yahoo.com.

4 Mestre em Ensino das Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/UDESC). É professor e artista visual, membro do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke, UDESC. Possui graduação em Artes Visuais pela UDESC (2018). Realiza pesquisas com ênfase no ateliê, processos pictóricos, processos gráficos e ensino das artes visuais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8056441618181371>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5697-2592>, e-mail: fabio.henschel@gmail.com

RESUMO

Entrevista com o artista português Ivo Alexandre, em 2023. Ivo Alexandre trabalha, principalmente, com pintura, tendo atuado, também, no campo dos efeitos especiais para cinema.

PALAVRAS-CHAVE

Pintura; Mística; Ivo Alexandre; Apotheke Internacional.

ABSTRACT

Interview with Portuguese artist Ivo Alexandre, in 2023. Ivo Alexandre works mainly with painting, having also worked in the field of special effects for cinema.

KEY-WORDS

Painting; Mystique; Ivo Alexandre; Apotheke International.

RESUMEN

Entrevista con el artista portugués Ivo Alexandre, en 2023. Ivo Alexandre trabaja principalmente con pintura, habiendo trabajado también en el campo de los efectos especiales para cine.

PALABRAS-CLAVE

Pintura; Misterio; Ivo Alejandro; Apotheke Internacional.

Na ocasião do projeto de Cooperação Internacional no Departamento de Pintura na FBAUL, em 2023, conhecemos o trabalho do artista Ivo Alexandre. Um trabalho pictórico repleto de qualidades filosóficas e densidade existencial. Uma pintura curiosa para os padrões da arte contemporânea (ou não?). O artista apresenta em seu conjunto um espectro importante, que transcreve em tempo singularidades de sua experiência e, ao mesmo tempo, é um questionamento coletivo. A transitoriedade, a busca incessante pelo instante, a relação arte e vida, a criação de simbologias e a produção de sentido entre o holístico e o místico, revelam algo oculto na pintura do artista: um decurso íntimo e intuitivo, que serve de convite à leitura para seu espectador. Não saímos ilesos aos questionamentos sobre o que é vida, ou a natureza pictórica do ato de fazer/agir/sentir, quando encontramos o gesto pictórico no trabalho de Ivo Alexandre.

Há referências que aparecem em sua pintura, conforme ele próprio revela, de forma não explícita: se trata de um jogo próprio da arte contemporânea, onde o repertório não é aparente e escancarado (não se reconhece inicialmente), mas desvela-se a quem, de fato, reflete. O que há entre El Greco e Francis Bacon, Picasso e Van Gogh, Otto Dix e Matisse, Rubens e Velasquez? As pinturas funcionam desde a louvação do que é íntimo e particular (ou privado, enquanto estética do cotidiano), ou mesmo, revelam a adoração pela alquimia e simbiose com o Barroco Espanhol, mas também, funcionam como a celebração de coisas simples (do ser coisificado), pelo cotidiano e atormentado por crenças e vidas passadas, por um livre arbítrio (que em algum caminho foi esquecido pela maioria de nós).

Ivo Alexandre adensa de forma pictórica contrastes análogos e complementares, que mencionam a figuração e montagem das cenas instauradas de forma (aparentemente) intuitiva.

Poderia ser um “*déjà vu*” da História Natural de Plínio, o Velho, retomado por Quintiliano, Alberti, Leonardo da Vinci e Vasari, ou mesmo, um presságio sobre o que resta do homem, da mulher, da criança, da infância, em um Cosmos de escolhas, que desencadeiam nossas margens. Passando pelo retrato de Dorian Gray, pelos enredos de Wim Wenders, o artista sinaliza seu tempo ao contornar a sombra projetada (pela luminosidade da cor), mas também, pela conceituação do que somos enquanto criaturas vivas consumidas pelo tempo em experiências singulares, entre o Eu e o Outro.

Assim, o que seria, antes, tratado de pintura, neste caso, é refletido pelo artista em sua (curiosa) fidelidade pictórica, na paixão pelo oculto (ou místico), ou pela soma do que é contemporâneo, revertido pela ficção narrativa em montagens intuitivas(?) que consagram corpos, objetos e cenas, em instantes do agora.

Entrevista

Sobre o processo pictórico

Pergunta: Sabemos da relação que o seu trabalho tem com cinema e televisão (inclusive trabalhos premiados). Comente sobre estudos e efeitos visuais nesta relação e como este trabalho impacta na sua pintura.

Resposta: Sim, há uma relação muito clara entre os efeitos visuais e especiais de teatro, televisão e cinema e a minha pintura. De certa forma, é como se eu, através desses efeitos visuais, explorasse também alguns campos da minha pintura e assim a tornasse mais densa. Fiz muitos desses efeitos especiais e visuais, adereços e cenários para diversos espetáculos, filmes, televisão, spots publicitários, etc. Essa foi uma experiência que enriqueceu muito o meu trabalho e lhe deu mais camadas e que acabo por usar de forma consciente e às vezes também inconsciente no meu trabalho de pintura. Dos muitos trabalhos que fiz, há um que se destaca e do qual me orgulho, um filme de João Botelho chamado "Quem és tu?"⁴ onde o meu trabalho ganha muita preponderância com os efeitos visuais e especiais, pois foi considerada pela crítica italiana a mais bela cena do filme. Com este filme ganhámos assim o prémio Open 2001 da Bienal de Veneza, tendo sido um marco tanto para o cinema em Portugal mas também para mim enquanto artista. O meu trabalho consistiu em criar quatro cadáveres humanos articulados e em decomposição. Os corpos são bastante realistas e foram feitos para o filme a serem vistos durante muito tempo, em ecrãs de cinema com quinze metros por oito metros, logo em grandes dimensões, naquele que é o mais importante festival de cinema e de arte europeus. Assim, desde essa altura que a minha pintura impactou e assimilou de certa forma os efeitos visuais, a parte tridimensional e a intensidade visual veio acrescentar muito à pintura, bem como toda a experiência escultórica e cenográfica de que também gosto muito, mas, também, uma vertente mais bizarra no modo de pensar a arte. Penso que isto foi o maior impacto. Enquanto artistas e indivíduos somos sempre o somatório das diversas experiências que vivemos e neste caso concreto isto é muito verdade, pois sinto que veio acrescentar uma dimensão ao meu trabalho mais profunda e intensa, para além de que também fui convidado a fazer muitos mais trabalhos deste género quer em cinema como publicidade. Assim, o impacto destes efeitos especiais e visuais em mim e na minha pintura são enormes e vieram para ficar. A minha pintura nunca mais seria a mesma.

4 Quem és Tu? 2001, é o filme de João Botelho, baseado na obra de Almeida Garrett é um drama em três actos, estreado em 1843 e publicado em 1844 com notas do autor, baseado livremente na vida de Manuel de Sousa Coutinho, que na vida eclesiástica assumiu o nome de Frei Luís de Sousa.

Pergunta: Comente sobre seu percurso formativo em pintura, suas referências artísticas, aulas que gostava e professores que teve.

Resposta: O meu percurso formativo em pintura começou cedo, mesmo, no liceu. Tive bons professores artistas muito motivadores e apologistas da liberdade criativa e respetivos processos que com as diferenças entre estudantes, respeitavam e iam mais além, tentavam compreender sem preconceitos e sem limites à criação, não impondo barreiras que infelizmente ainda existem em instituições artísticas atualmente. Relativamente a aulas de que gostava, eram sem dúvida todas as que estavam relacionadas com a prática artística, sendo essas aulas normalmente de pintura e práticas de representação ou de escultura também. Mais tarde, fiz pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes em Lisboa, curso de que gostei e que me ajudou a intensificar a minha prática artística. Enquanto referências de artistas sempre tive vários muito diferentes, como Caravaggio, El Greco, Gauguin, Van Gogh, Picasso, Francis Bacon, Lucien Freud, Otto Dix, Marlene Dumas, Paula Rego, Graça Morais ou Lima de Freitas, entre outros, são artistas que desde cedo mexeram muito comigo. Desde criança que ficava fascinado com as suas pinturas e por isso comecei a colecionar livros de arte, sobretudo pintura, com os quais aprendi muito e assim também considero fazerem parte da minha formação artística de forma fundamental. Com estes artistas e tantos outros aprendi a olhar, que penso estar no cerne da produção da pintura, saber olhar e ver com atenção cada pincelada e compreender a profundidade e a verdadeira magia da pintura pela qual me apaixonei desde muito cedo. Atualmente estou num novo ciclo de estudos de licenciatura em pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa onde espero poder enriquecer os meus conhecimentos, desenvolver o meu trabalho, mas também partilhar com outros estudantes e professores a minha própria experiência profissional no mundo das artes onde sempre trabalhei.

Pergunta: Comente sobre tema e assunto de suas pinturas.

Resposta: O assunto e temática da minha pintura, de uma forma geral, tem muito que ver com sentimentos e emoções difíceis de expressar de uma outra forma que não a pintura, isto é, o que não consigo traduzir em palavras, pinto. Assim esses assuntos normalmente são questões mais profundas relacionadas com vida e morte, com questões identitárias da espécie humana (Porque existimos neste planeta no meio do cosmos, quem somos, para onde vamos, etc.), ou até algo de que não tenho consciência, mas que de alguma forma surge numa vontade de deixar sair, de expressar e assim tentar compreender realizando e explorando sem projeto, sem rumo com pura intuição e prazer. Apesar de haver quem ache que a pintura não tem a ver com intuição, a boa pintura só tem a ver com isso mesmo. Não há outra forma, conhecendo as regras e os meios, claro, para poder subvertê-las, sendo a intuição a chave, do meu ponto de vista, que permite abrir e explorar esse mundo tão vasto que a pintura nos oferece por descobrir.

Pergunta: Usa tinta óleo, qual? Como prefere usar? Faz misturas ou usa médium pronto, ou usa separado? Qual óleo e qual solvente usa?

Resposta: Sim, uso tinta de óleo, normalmente Van Gogh, da Talens, das várias séries. Às vezes quando quero a tinta mais espessa uso diretamente do tubo para a paleta, sem misturas. Outras vezes uso algum médium e outras vezes uso também terebintina para acelerar a secagem do óleo. Antigamente também usava algum óleo de linhaça.

Pergunta: Você prepara sua paleta antes de começar a tela ou após o esboço inicial?

Resposta: Preparo a paleta antes de começar tudo. Primeiro preparo a tela, depois preparo a paleta com as cores que penso usar e vou fazendo as minhas cores procurando tons específicos que entendo serem adequados ao que quero fazer. Normalmente a paleta começa organizada por cores e tons aproximados mas, depois vai-se tornando caótica dentro da minha própria organização. Misturo muita tinta criando volumes muito densos de cores belas que tento transpor para a tela com o ritmo que a pintura me impõe.

Pergunta: Como escolhe as cores? Quanto tempo do processo demanda sua paleta?

Resposta: As cores, vou pensando nelas, mas tendo, em conta o que pinto, a escolhas de forma intuitiva, não obedecendo a regras de obrigatoriedade de conceitos ou dos objetos representados. Depois as cores vão surgindo por complementaridade, contrastes, harmonia e equilíbrio, umas pedem as outras e vão-se encontrando e harmonizando até conseguir o tal equilíbrio. Tudo acontece de forma espontânea na verdade. Gosto sobretudo da beleza e da pureza do momento sem restrições e de mais e mais momentos que se transformam em quadros, pinturas, em algo palpável que antes não existia no espaço físico e passa a existir.

Pergunta: Você limpa a paleta entre uma tela ou outra? Quando sentes que precisa limpar a paleta?

Resposta: Normalmente limpo a paleta muito pouco, isto é, vai ficando saturada, com montes de tinta que vão secando. Quando está muito saturada faço uma nova porque não consigo ignorar a beleza da tinta que se acumula e como sou eu que faço as minhas próprias paletas acabo por fazer uma nova e guardando a anterior para secagem. Faço as paletas tornando-as bem impermeáveis e nunca empenam.

Assim tenho várias paletas antigas cheias de tinta. As paletas tornam-se uma marca do tempo e também elas uma espécie de pinturas que se formaram de forma muito lenta e natural, quase como na natureza geológica.

Pergunta: Você usa pigmentos para construir suas tintas? Com que frequência?

Resposta: Uso poucos pigmentos, normalmente algum específico de que goste muito como, por exemplo, um ultramarino lindíssimo. Assim, normalmente uso óleos já preparados, mas com afinações minhas que considere pertinentes ao que estou a fazer no momento.

Pergunta: As imagens após o esboço inicial vão se formando, você retorna, pinta sobre, refaz no processo intuitivo há algo externo, músicas ou textos que você usa como influência?

Resposta: Sim, sem dúvida que sim. As imagens vão-se formando também de forma intuitiva, pinto, pinto novamente, apago com um pano, volto a pintar, procuro encontrar o que a pintura pede e ela pede mesmo, às vezes demora a encontrar, mas tudo vai ao lugar com o tempo próprio da pintura. Há influências sim, do que vejo e ouço, muitas vezes música que toca e que dá ritmo à pincelada e ao corpo, ao movimento que se torna cada vez mais intenso e dinâmico. A música não está sempre presente e à medida que pinto o ritmo da pincelada na tela torna-se cada vez mais evidente e audível, quase parecendo o som de um tambor num ritual crescendo... assim faço e refaço até tudo se encontrar.

Pergunta: Você usa recurso de projeção? Algo como simular estudos/imagens antes, mesmo que estas imagens não sejam pintadas em tela? Pequenas pinturas para depois ampliar?

Resposta: Não, não uso qualquer forma de projeção, apesar de opiniões diferentes quanto ao uso destas ferramentas, eu penso que não é para mim, gosto da verdade na pintura, ou sai, ou não sai. Gosto mesmo de partir para a tela em branco logo com o óleo, normalmente com o ocre, depois tudo acontece. É assim que construo a estrutura da pintura.

Pergunta: Com o quadro pronto, como você decide o título? Usa memórias visuais para atribuir sentido?

Resposta: Nem sempre é fácil atribuir um título a uma pintura e por isso pode ser muito desafiante. Tento perceber qual o efeito que o título pode ter na indução do pensamento do observador, isto é, o título vai condicionar quem vê e a forma como

vê. O título pode sugerir algo que nem está na pintura e assim ganha um sentido que à partida poderia não ter. Outras vezes o óbvio pede isso mesmo. Uma maçã é uma maçã. Ou por outro lado, a maçã pode significar tudo o que queremos atribuir, pode ser o pecado (à luz da religião católica) ou o livre arbítrio, ou por exemplo e o que gosto mais, a própria luz, trazida à Mulher, à Humanidade por Lúcifer (Portador da Luz) através da maçã do conhecimento. A luz ou iluminação é por definição conhecimento. Por isso, numa maçã ou um prato cheio delas pode haver diversos significados e eu às vezes penso nisso e outras vezes acho que o observador poderá encontrar se tentar olhar e ver bem.

Pergunta: Você lembra de suas memórias de infância quando pinta? Sensação de voar ou correr quando na infância?

Resposta: Sim, muitas vezes. À medida que a pintura ganha vida própria e ritmo e eu estou nesse ritmo já não estou a pensar, é como se fosse em piloto automático, isto é, estou no processo em que a intuição domina e várias memórias ou pensamentos aleatórios aparecem na minha mente sem eu pensar nelas e por consequência deixo que elas se tornem parte da pintura. Se existem naquele momento do tempo dentro de mim às vezes passam para fora, para a tela, assim, a imagem, ou melhor, a pintura aparece, constrói-se e torna-se quase uma forma de vida cheia de memórias ou ideias abstratas que se tornam concretas no nosso mundo... do invisível para o visível e palpável.

Pergunta: Para qual pintura você sempre volta a olhar entre suas referências?

Resposta: Há muitas obras de pintura que me fascinam e para as quais olho regularmente, mas uma das que mais me intrigam por várias razões e com a qual tenho muita afinidade é sem dúvida a obra de Gauguin "De onde viemos? O que somos? Para onde vamos?". Esta é uma daquelas obras que vale a pena conhecer e tentar compreender, quer seja pela sua beleza (a presença evidente do Belo) mas também pelo seu significado filosófico ou busca por algo que sempre enquanto humanos nos perseguimos e continuaremos a perseguir, a busca por respostas através da reflexão daquela que é a maior questão da nossa existência. Nesta obra Gauguin exalta o pensamento através do sagrado feminino de uma forma singular e bela, desde a composição, à paleta de cores, tudo se encontra no campo do maravilhoso, sendo então uma das obras para onde volto sempre.

Pergunta: Sua pintura contém figuras mitológicas, símbolos, assuntos místicos ou com conotações ritualísticas. Qual é o lugar destes na sua pintura e como organiza a cena plasticamente?

Resposta: Este é um assunto controverso no mundo da arte, mas de qualquer forma muito interessante. No caso concreto da minha pintura, o misticismo sempre me interessou, estando muito presente no que faço. Independentemente de opiniões diversas, a mim interessa-me o que se sente mesmo que não esteja à vista, ou seja, o oculto. Assim, é um assunto que desperta em mim muita curiosidade, o que faz com que, mesmo sem pensar, esteja presente no meu trabalho.

Pergunta: Você ouve músicas enquanto pinta?

Resposta: Sim, ouço música enquanto pinto, mas nem sempre. A música abre caminhos ou desbloqueia através de ritmos. Uma vez pinto ao som de música de que gosto, mas outras vezes procuro o silêncio que é apenas cortado com o som das pinceladas na tela, criando também ritmos próprios.

Pergunta: Quais livros há em sua biblioteca, como e quando você acessa sua biblioteca enquanto pinta?

Resposta: Tenho uma coleção de livros de arte de que gosto muito com inúmeros artistas e também de outros temas, que uso e com os quais tenho uma relação de proximidade recorrendo com regularidade. Os livros são realmente fascinantes e apaixonantes, repletos de informação, são sem dúvida uma fonte de inspiração e de motivação com os quais sempre aprendi muito e por isso fazem parte não só da minha vida, mas sobretudo do meu processo tanto de aprendizagem como de criação.

Pergunta: Costuma ler livros e escritos de artistas?

Resposta: Através dos livros leio diversos textos de artistas que me interessam para poder compreender o que está por trás da respetiva obra, pois existe sempre algo que nos escapa e alguns textos são fundamentais para a compreensão dos processos envolvidos na criação das obras e até dos artistas enquanto intervenientes na vida social e quotidiana.

Pergunta: Qual é sua atual leitura?

Resposta: Atualmente adquiri o “Tratado de Pintura” de Leonardo Da Vinci, livro que merece ser estudado com rigor por todos os motivos, estando ainda no início desta leitura. É sem dúvida um livro apaixonante que recomendo.

Pergunta: Quais imagens você coleta, recolhe, coleciona ou guarda? Como e quando as acessa?

Resposta: Por norma não uso imagens e não as coleciono propriamente. Trabalho sim com imagens quando preciso de ver algo específico e que queira representar de forma credível em que não tenha um modelo e nesse caso utilizo imagens que procuro com recurso às tecnologias disponíveis como a internet.

Pergunta: Você desenvolve projetos para as pinturas? Pequenos esboços? Explícite a relação desenho e pintura.

Resposta: A relação entre desenho e pintura pode ser muito estreita em alguns casos, nomeadamente na representação figurativa, tendo uma dimensão fundamental nalguns trabalhos que desenvolvo, mas isto não é sempre verdade, nem sempre uma prática. Isto é, algumas vezes trabalho em alguns esboços, estudos prévios, outras vezes não, trabalho diretamente na tela já com o óleo onde a pintura se vai construindo e pedindo ela própria uma continuidade que vai surgindo de forma intuitiva e pela qual me deixo levar. Assim a pintura vai surgindo como que de forma autónoma onde encontro algo que me leva a outro algo e assim sucessivamente. Assim, desenvolvo projetos mais enquanto ideias que às vezes testo em estudos e ensaios, outras vezes não e dou-me essa liberdade porque assim acontecem erros e coisas inesperadas e surpresas agradáveis que por vezes são mais interessantes do que a ideia original ou que simplesmente me levam por caminhos diferentes. Isto também é a beleza da pintura, o inesperado e não o projeto todo definido que realmente não é o meu método de trabalho.

Pergunta: Quais documentos de processo você tem no seu estúdio?

Resposta: No meu estúdio trabalho com diversos documentos sobretudo, no recurso de livros como mencionei anteriormente, não sendo uma prática comum no meu trabalho, mas sim quando sinto essa necessidade.

Pergunta: Você tem diário gráfico ou caderno de ateliê ou mesmo um diário de textos?

Resposta: Sim, por vezes tenho alguns diários gráficos ou cadernos de desenho que incluem sobretudo ideias vagas, frases, palavras ou pensamentos. Estes cadernos podem ou não dar origem a pinturas, mas dão sem dúvida origem a reflexões e a silêncios muito importantes para mim. Neste espaço do silêncio construo imagens mentais e estruturo as minhas ideias que eventualmente misturo nos meus cadernos quando se aplica. De resto procuro a pureza da pintura, a descoberta do invisível e inesperado, o encontro da pintura pura.

Pergunta: Conte como é um dia típico em seu estúdio. Horários, processos, organizações...

Resposta: Os dias no meu atelier são sempre maravilhosos, ou melhor, as noites. Pinto sobretudo de noite quando a maior parte das pessoas dorme. Sinto uma energia enorme ao início da noite que se traduz em muitos anos de pintura e de uma exploração poética da vida. Assim muitas vezes, se a noite for produtiva, deito-me quase ao amanhecer depois de pintar e com uma sensação de realização e felicidade. Trabalho assim desde muito jovem e é assim que me encontro. Gosto particularmente de me sentar num sofá de frente para uma tela branca num cavalete, gosto desse confronto com o vazio, onde não existe nada. Nunca sei quanto tempo durará esse vazio, esse confronto com a tela branca e de repente algo despoleta o arranque, a preparação da paleta, da luz e do movimento. A pintura começa e ganha vida própria, quer eu goste, quer não... Depois tudo vai acontecendo e a pintura vai sair, passa à existência desta dimensão e isso surpreende-me sempre, pois nunca sei o que vai acontecer. Essa é a magia da pintura pura. É isso que me apaixona e me motiva, porque ao contrário do que alguns dizem, a pintura não morreu nem nunca morrerá, ou não fosse a mãe de todas as disciplinas da nossa civilização, a pintura antes de tudo.

Pergunta: Você tem procedimentos ou ferramentas específicas para resolver problemas pictóricos? Espelhos, régua...

Resposta: Sim, ao longo dos anos fui descobrindo sozinho e com a experiência processos e especificidades que se revelaram muito úteis e que vim a perceber que outros artistas também os descobriram e usavam, sendo ferramentas muito fundamentais na forma de trabalhar e pensar a pintura. Um exemplo deste tipo de procedimento específico é o espelho, isto é, quando era muito novo, no meu quarto em casa dos meus pais, no decurso de várias pinturas via refletido no vidro da janela a pintura que tinha no cavalete e descobri que aquela inversão da imagem espelhada me mostrava erros ou questões que me pareciam mal resolvidas do ponto de vista técnico ou de composição ou no cromatismo, dando-me assim uma visão mais clara do que seria ou poderia ser a verdade que eu procurava na pintura revelando segredos que só desta forma eu conseguia ver. Assim a imagem espelhada passou a ser para mim uma ferramenta extremamente útil e basilar no meu trabalho, tornando-o mais consistente a vários níveis.

Pergunta: Você já dividiu estúdio com outros artistas? Quando e quais? Influenciaram seu trabalho?

Resposta: Sim, já dividi estúdio com outros artistas mais ao nível da cenografia e adereços para televisão, teatro e cinema, área muito importante do meu trabalho

também onde desenvolvi capacidades e onde tenho tido muitos trabalhos também reconhecidos. Esta partilha de espaços revelou-se e transformou-se também em partilha de ideias, resolução de problemas técnicos e artísticos, modos de ver e pensar e consequentemente numa enorme aprendizagem para todos os envolvidos, enriquecendo-nos a todos não só do ponto de vista pessoal, mas sobretudo profissional tendo muita influência no meu trabalho bem como nos respetivos processos.

Pergunta: Você tem máximas ou regras em seu estúdio? Sim, quais?

Resposta: A regra máxima do meu atelier é não ter regras. Permito-me tudo dentro do meu espaço e dentro desta liberdade encontro o meu ritmo, formas de trabalhar e pensar e como avançar na direção que me interessa, pois, encontro sempre o caminho. Gosto de ter uma certa organização, pelo menos no início do processo, que aos poucos se vai autonomizando e às vezes ao encontro do caos, para depois tudo se organizar novamente. A regra é não haver regras.

Pergunta: O que é pintura pura em sua percepção?

Resposta: A pintura pura para mim é o sublime na conceção do que pode ser a descoberta da arte, do que é a arte e como esta acontece. Com todas as emoções à flor da pele, a intuição como ferramenta, quase como uma lanterna que vai a iluminar o caminho da descoberta e a ausência do medo de falhar. Isto para mim é o mote para a busca da pintura pura, pureza e sem subterfúgios, ausência também de projetos elaborados que por si só retiram o elemento surpresa e de descoberta inerentes à pintura. Pintura pura é verdadeira magia a acontecer, assim nós nos deixemos levar “por mares nunca dantes navegados”.

Sobre experiência, difusão e recepção

Pergunta: Como percebe e imagina o futuro de sua pintura?

Resposta: O futuro da minha pintura será de liberdade total, com muito trabalho e dedicação à arte. Farei, como sempre, a minha parte, o melhor que souber e puder, com a certeza de que seguirei o meu coração e o meu caminho. Espero nunca racionalizar a pintura ou deixaria de ser pura e o que procuro mesmo é essa pureza que evidencia o Belo quando este está presente.

Pergunta: Segundo John Dewey (2010), a experiência da arte não se distancia da vida comum e cotidiana, de modo a, em ambos os casos, haver um fluxo, ou processo, que se desenrola sem divisões estanques entre suas partes, ainda que seja possível identificar as mesmas ao pensar o processo. Como é possível descrever as

etapas mais importantes do seu processo pictórico (ex.: coleta de referenciais, seleção de tema, escolha de suporte, materiais)?

Resposta: De certa forma todo o meu processo pictórico é muito intuitivo, isto é, se há algum tema ou assunto que me desperte interesse, os pensamentos tornam-se fluídos, aparecem de forma inesperada e solta, acabando por irem ganhando forma, criando uma linguagem própria da qual me vou apercebendo e construindo assim a minha narrativa. Depois posso ou não sentir necessidade de procurar referências. Relativamente à escolha de suporte e materiais, normalmente trabalho com óleos sobre tela porque gosto realmente do óleo e porque considero que é o material que se adequa melhor ao meu tipo de expressão, sendo à partida a minha escolha quando penso em pintura. De resto, gosto mesmo do confronto com a tela branca no cavalete, preparar a paleta e partir do zero. Posso ficar à frente de uma tela branca horas, dias, ou semanas até de repente avançar na sua direção e começar a pintar, sendo certo que quando o processo começa não mais consigo parar. O quadro desenvolve-se naturalmente e eu deixo que isso aconteça e é precisamente isso que adoro na pintura, o inesperado que se torna inevitável. Não existia e passa a existir.

Pergunta: Tematicamente, você considera que seu trabalho percorre temas ligados à relação do natural com anti natural, bem como entre sublime e grotesco? Como é possível descrever este assunto?

Resposta: Penso que pode dizer-se que sim, estas relações existem realmente e estão frequentemente presentes no meu trabalho, mas não sei se podem ser descritas por palavras. Por vezes consigo encontrá-las e outras não. Acho interessante que os opostos se encontrem quando isso é possível e penso que na arte este é muitas vezes o caso.

Pergunta: Como você percebe a recepção do seu trabalho pelo público e nos diálogos com outros artistas? Há questões que, na sua opinião, passam despercebidas e como elas reverberam nos trabalhos futuros?

Resposta: Normalmente a reação ao meu trabalho do público em geral é de estranheza e curiosidade, pois costumam dizer-me que a minha pintura é diferente e intensa. Considero isso bom, pois acho que se não houver intensidade não há vida e pintura sem alma não é pintura, mas sim uma imagem executada mesmo que seja bem executada. Pintura é alma e intensidade também. Relativamente ao diálogo com outros artistas é sempre muito interessante em termos de partilha e descoberta, pois ao falarmos a mesma linguagem torna-se mais fácil esse diálogo e abrem-se novas formas de ver e pensar a pintura e isso é extremamente positivo e enriquecedor.

Pergunta: Pelo seu trabalho exibido na Rede social Instagram, há vários gêneros pictóricos com os quais você trabalha, entre eles, retrato e autorretrato. Trabalhar sua auto imagem exige que tipo de preparação e pré-produção?

Resposta: Os vários gêneros pictóricos prendem-se com momentos diferentes da minha vida. Realmente nesta rede social estão trabalhos de anos diferentes, às vezes separados por vinte ou mais anos com estilos e técnicas diferentes, mas que vistos através da cronologia de uma rede social e em sequência pode ser estranho. De qualquer forma, a separação temporal em que esses trabalhos foram feitos é substancial. Também penso que trabalhos diferentes e experiências pictóricas diferentes são estritamente necessárias e fazem parte do percurso de todos os artistas. Se olharmos para a história da arte encontramos diversos artistas incríveis bem conhecidos com registos tão diferentes em alturas também diferentes das suas vidas, o que lhes terá conferido seguramente um percurso riquíssimo e muito vasto que lhes permitiu passarem por diversas fases na sua obra, enriquecendo-a bem como à própria história. Relativamente aos autorretratos, também são uma constante na obra de diversos artistas e são sem dúvida uma forma de autoconhecimento no meu caso pessoal. O artista é o seu próprio tema, pois é uma forma de exploração de nós próprios. O que seria da história da arte que conhecemos sem os auto retratos de Van Gogh, Rembrandt, Frida e tantos outros? Viva a arte!

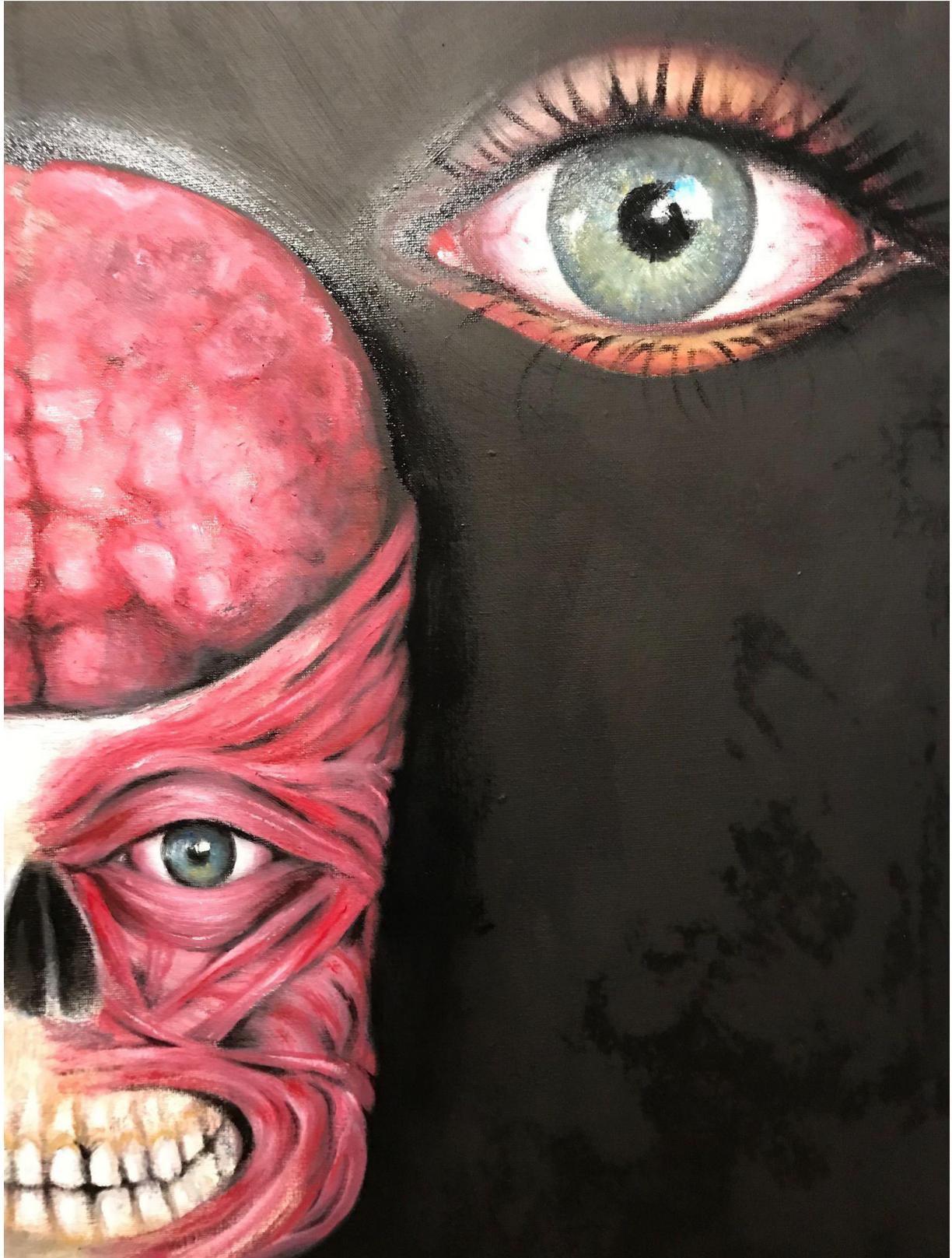


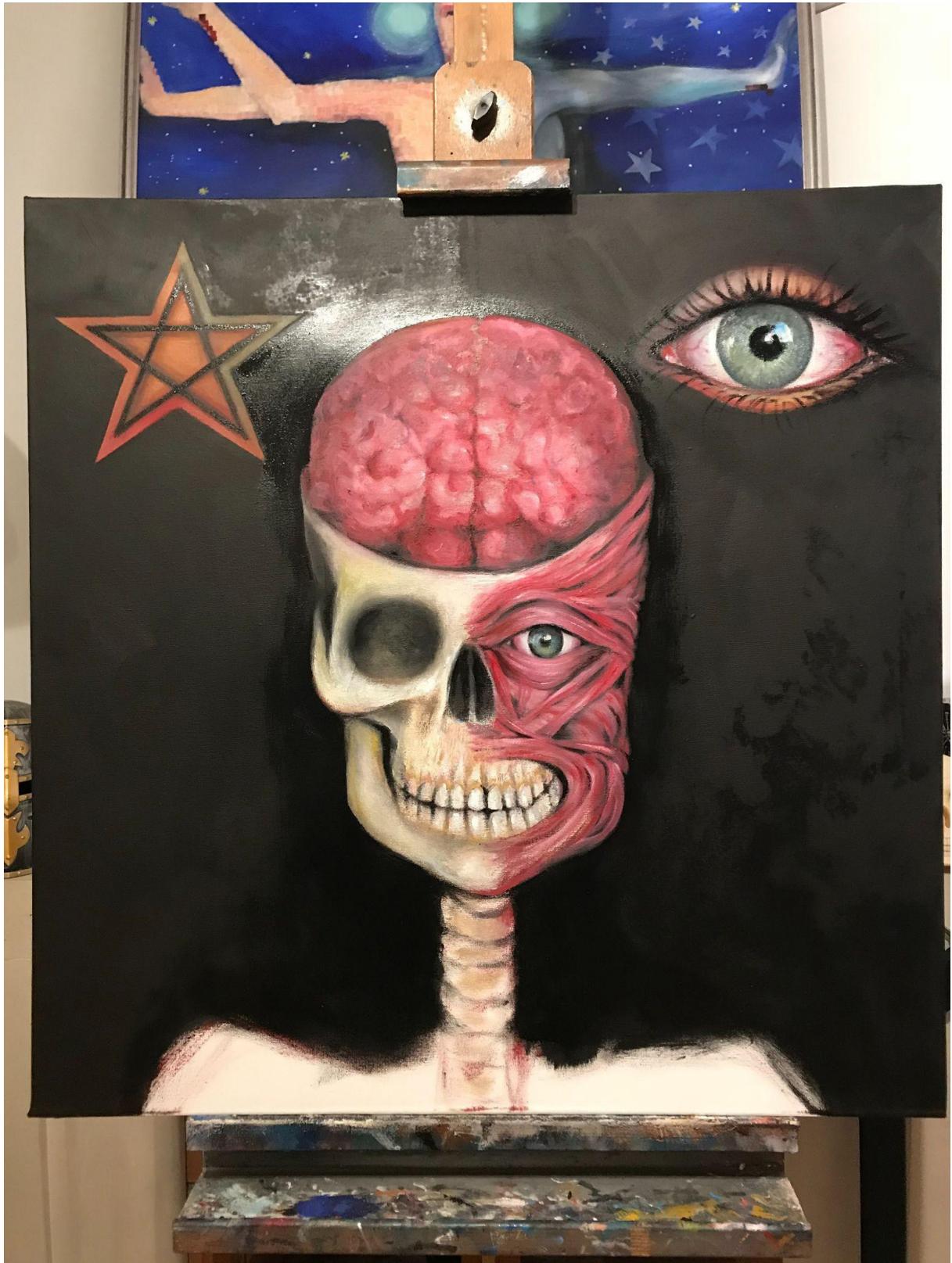
















Fotos e direitos de imagem cedidos pelo artista Ivo Alexandre para fins de divulgação pela Revista Apotheke, pesquisa e investigação.

Referências

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2010.

Ivo Alexandre (Instagram). Disponível em https://instagram.com/ivo_alexandre_artist . Acesso em 29 de Outubro de 2023.

Ivo Alexandre (Site). Disponível em <https://ivoalexandre.com>. Acesso em 29 de Outubro de 2023.

RafaelGCoelho (canal no YouTube). **Quem.Es.Tu.2001 Parte 1**.wmv. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=ffrrOJU2cPc> >. Acesso em 29 de Outubro de 2023.

Submissão: 12/11/2023

Aprovação: 15/12/2023